



Tarcísio se declara a Bolsonaro: “Abriu porta”

Convenção do Republicanos confirmou a candidatura do governador de SP à reeleição. O evento teve a participação de Flávio e discurso de continuidade

» FERNANDA STRICKLAND

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), foi oficializado candidato à reeleição, ontem, em convenção estadual do Republicanos, no Ginásio do Ibirapuera, na capital paulista. Durante o evento, o chefe do Executivo estadual afirmou que o início da campanha representa uma oportunidade de prestar contas da gestão, agradecer à população pelo apoio recebido e apresentar os planos para um novo mandato.

A convenção contou com a presença do senador Flávio Bolsonaro (PL), aliado de Tarcísio e um dos principais nomes do campo conservador na disputa presidencial. O Republicanos confirmou apoio ao bolsonarista no estado, apesar de não haver uma aliança nacional com o candidato do PL.

Em rápida declaração, o governador recordou o início da carreira política ao lado de Jair Bolsonaro, como ministro. “Quería agradecer, Flávio, ao presidente Bolsonaro, que me abriu essa porta lá atrás, que me permitiu fazer aquilo que eu gostava, fazer infraestrutura pelo Brasil, que me incentivou. Uma pessoa, Flávio, que nunca trouxe vitória nenhuma para ele, sempre compartilhava com o time. Ele me fez. E ele teve essa ideia. Ele tinha genialidade. Ele tinha um carisma que eu nunca vi igual. E ele me abriu essa porta. Nós amamos teu pai. Nós amamos Jair Messias Bolsonaro”, afirmou.

Tarcísio destacou ainda que sua campanha será pautada pela continuidade das ações desenvolvidas nos últimos quatro anos. Segundo ele, o objetivo é mostrar os resultados alcançados pela administração estadual e projetar um futuro marcado por “mais realizações, esperança e prosperidade”. O governador também garantiu que a militância e os aliados chegam motivados para o início da disputa eleitoral.

Haddad

A eleição paulista é considerada uma das mais estratégicas do calendário eleitoral de 2026 por reunir dois dos principais grupos políticos do país. Enquanto o candidato Fernando Haddad (PT) representa o projeto político do presidente

Marina Uezima



O Republicanos confirmou apoio a Flávio Bolsonaro no estado, apesar de não haver uma aliança nacional

Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no maior colégio eleitoral brasileiro, Tarcísio busca renovar o mandato com o apoio de partidos do campo de centro e da direita.

Durante a convenção, o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB), elevou o tom contra o ex-ministro da Fazenda de Lula. Em discurso, Nunes afirmou que Tarcísio de Freitas vencerá a disputa eleitoral ainda no primeiro turno e dirigiu críticas ao principal adversário da chapa governista.

Ao defender a continuidade da atual gestão estadual, o prefeito declarou que a campanha buscará uma vitória ampla nas urnas. Em seguida, referiu-se a Haddad de forma pejorativa, chamando-o de “professorzinho de nariz empinado”, e afirmou que o governador “vai dar um coro” no candidato do PT.

A convenção reuniu dirigentes e lideranças dos 12 partidos que integram a coligação em torno da candidatura de Tarcísio. Além do Republicanos, fazem parte da aliança MDB, PL, PSD, PP, União Brasil, Podemos, PSDB, Cidadania, Novo, Avante e PRD. O encontro também oficializou o atual vice-governador, Felício Ramuth (MDB), como candidato à reeleição na mesma chapa.

PL lança Moro ao governo do Paraná

Redes sociais/Reprodução



O Partido Liberal (PL) oficializou, ontem, a candidatura do senador Sergio Moro ao governo do Paraná, durante convenção realizada em Curitiba. O evento também confirmou Edson Vasconcelos (PL) como candidato a vice-governador e as candidaturas de Filipe Barros (PL) e Deltan Dallagnol (Novo) ao Senado Federal. Na disputa estadual, o PL integra uma coligação formada, também, por Podemos, Democracia Cristã e Novo. Pouco antes da convenção do PL, o Novo havia oficializado a candidatura de Deltan Dallagnol ao Senado, compondo a chapa da aliança. Aos 54 anos, Sergio Moro é ex-juiz federal. No cargo, ganhou projeção nacional ao conduzir os processos da operação Lava-Jato. Deixou a magistratura para assumir o Ministério da Justiça, no governo de Jair Bolsonaro.

Com Renan, Missão estreia nas urnas

» ARMANDO HOLANDA

Matar quem roubar, críticas ao senador Sergio Moro (PL-PR) e ataques a Flávio Bolsonaro (PL) e ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Esses foram alguns dos principais destaques do discurso de Renan Santos, lançado oficialmente, ontem, como candidato do Missão à Presidência da República. A convenção nacional da legenda foi realizada na Zona Leste de São Paulo e reuniu dirigentes partidários, apoiadores e integrantes do Movimento Brasil Livre (MBL), grupo do qual o presidenciável é um dos fundadores.

Ao longo da fala, Renan procurou apresentar sua candidatura como uma alternativa ao atual cenário político, mas rejeitou ser enquadrado como representante de uma terceira via. Segundo ele, sua campanha não pretende ocupar um espaço intermediário entre lulismo e bolsonarismo, mas disputar diretamente a liderança do processo eleitoral.

Na reta final do discurso, o tom subiu. O presidenciável afirmou que o senador Flávio Bolsonaro, pré-candidato do PL ao Palácio do Planalto, é um “fraco e corrompido”

YouTube/Reprodução



Ativista do MBL criticou Lula e Flávio, mas negou ser uma terceira via

Ao presidente Lula, dirigiu a alcunha de “cachaceiro senil”. Logo após a sequência de ataques, fez uma ironia ao pedir ao público “perdão pelos insultos proferidos”.

“Estamos há décadas vivendo a noite do petismo. Eu volto a afirmar: a afirmação é a luz. E a luz está presente nessa cor. A luz são as nossas ideias. A luz é a nossa coragem”, afirmou.

Ao taxar o filho 01 do ex-presidente Jair Bolsonaro de “farsante”, Renan Santos disse que o senador estaria sendo preparado para uma derrota eleitoral e apostou que sua candidatura avançará nas próximas semanas.

“São semanas para que a gente tire Flávio do segundo turno e para que o Lula vire seus canhões malditos contra nós, os mesmos canhões

que eles viraram contra nós no impeachment (da ex-presidente Dilma Rousseff). Não há energia nos demais candidatos. Nós já estamos em terceiro (lugar) e subindo”, declarou.

O presidenciável também direcionou críticas ao senador Sergio Moro, a quem acusou de ter abandonado o legado da Operação Lava-Jato. Durante o discurso, Santos definiu o ex-juiz como “um vassalo, um homem que não teve a estatura de defender o próprio legado e se submeteu a ser escravo daqueles que destruíram a sua grande obra, que era a Lava-Jato”.

Além das críticas aos adversários, Renan voltou a defender propostas de endurecimento da política de segurança pública, entre elas a possibilidade de matar criminosos que pratiquem roubos, uma das bandeiras que tem defendido em manifestações públicas.

Os ingressos mais básicos para o ato, que ocorreu no Complexo Tempo, centro de convenções na Mooca, foram vendidos a R\$ 94, enquanto outras categorias saíram por até R\$ 7 mil, incluindo, além da entrada no evento, acesso a um mezanino com visão privilegiada, “open bar” e um almoço com lideranças da legenda.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Desafios internos e externos ameaçam projeto de reeleição de Lula

“Enquanto eu viver, a extrema direita não voltará a governar este país. Se quiser vir o Trump, que venha. Se quiser vir o Milei, que venha. A única ajuda que eu quero é a ajuda do povo brasileiro para manter a democracia”, disse o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, num misto de voluntarismo e soberba, às vésperas da convenção do PT, em São Bernardo do Campo, neste domingo.

Não se poderia esperar algo muito diferente de quem precisa mobilizar os militantes e aliados para uma eleição difícil. A declaração revela a estratégia de formar um movimento democrático e nacionalista capaz de garantir sua reeleição. O desafio, porém, não se limita a reunir a esquerda: Lula precisa conquistar os eleitores de centro e atrair setores das elites comprometidos com a democracia.

O petista enfrenta problemas internos que não conseguiu superar no atual mandato, agravados pela mudança geopolítica ocorrida na América do Sul e pela interferência direta de Donald Trump na política brasileira. Entre eles estão um Congresso cada vez mais poderoso e hostil, a persistente crise fiscal, as sobretaxas impostas às exportações brasileiras e uma extrema direita integrada à onda reacionária mundial.

Lula lidera as pesquisas, mas não dispõe de vantagem confortável. No Datafolha de julho, aparece com 40% das intenções de voto no primeiro turno, contra 32% de Flávio Bolsonaro. No segundo, venceria por 48% a 43%. Considerada a margem de erro de dois pontos, a disputa permanece competitiva. Pequenos deslocamentos do eleitorado de centro podem alterar seu desfecho. A fragmentação da oposição, porém, beneficia o chefe do Executivo no primeiro turno.

Ronaldo Caiado, Romeu Zema e Renan Santos disputam os mesmos eleitores antipetistas de Flávio. Essa divisão não elimina o risco de unificação do voto oposicionista no segundo turno. O sobrenome Bolsonaro garante a Flávio um piso eleitoral elevado, sustentado pela fidelidade da base do pai e pela rejeição ao PT.

O discurso necessário para mobilizar os petistas nem sempre é adequado para conquistar o centro. Ao afirmar que o Senado “tem metade apodrecida”, Lula transforma uma crítica legítima numa generalização que pode dificultar ainda mais sua relação com o Congresso. Há razões objetivas para criticar o Legislativo, entre as quais as irregularidades nas emendas: falta de transparência, pagamentos sem comprovação, fraudes em licitações, superfaturamento e obras incompletas.

Segundo o Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar, entretanto, 451 dos 513 deputados federais, ou 88% da Câmara, tentarão a reeleição. O número recorde está associado às vantagens de quem já exerce o mandato em relação aos demais candidatos, como estrutura de gabinete, exposição pública, prioridade na distribuição dos recursos eleitorais e, principalmente, controle sobre as emendas parlamentares, acima de 60 milhões para cada parlamentar.

Fator externo

Em 2022, Lula chamou o orçamento secreto de exscrecência. Depois de eleito, submeteu-se à correlação de forças no Legislativo. Agora, convive com um Parlamento que controla parcelas dos investimentos públicos e utiliza esses recursos para fortalecer eleitoralmente seus integrantes. Diante desse quadro, o PT adotou uma estratégia pragmática. Lançará candidatos aos governos de 12 estados e apoiará aliados em outros 14. A lógica é assegurar palanques estaduais para a campanha de reeleição.

No plano externo, o desafio é inédito. A participação do presidente argentino Javier Milei na convenção do PL, com ataques a Lula e ao ministro Alexandre de Moraes, ultrapassou os limites da solidariedade ideológica e provocou uma crise diplomática. O apoio de Milei e Benjamin Netanyahu a Flávio procura apresentar a candidatura do PL como parte de uma articulação internacional da extrema direita.

O maior problema chama-se Donald Trump. Os Estados Unidos prorrogaram a declaração de emergência que classifica o Brasil como ameaça à segurança, à política externa e à economia norte-americanas. Embora a medida não restabeleça a tarifa de 50% derrubada pela Suprema Corte, permanecem uma sobretaxa de 25% sobre diversos produtos brasileiros e outra de até 12,5%, relacionada à alegação de trabalho forçado. O Brasil acionou a Organização Mundial do Comércio.

As tarifas reduzem a competitividade dos produtos brasileiros, prejudicam setores dependentes do mercado norte-americano e criam custos econômicos destinados a influenciar o ambiente eleitoral. Somam-se às críticas de Washington ao Supremo Tribunal Federal, à defesa de Jair Bolsonaro e aos questionamentos sobre a regulamentação das plataformas digitais e o Pix. Não mais do que divergência comercial, trata-se de pressão sobre decisões soberanas do Brasil.

De fato, Lula tem uma bandeira poderosa: a defesa simultânea da democracia e da soberania nacional. Não poderá, porém, confiar somente na retórica da resistência. Para vencer, precisará ter respostas para controlar as contas públicas; responder às demandas concretas da população na segurança, na saúde, na educação, na mobilidade urbana, na habitação; reconstruir a relação com o Congresso e evitar que a reação às ingerências externas seja confundida com antiamericanismo. É soberba a promessa de que a extrema direita não voltará ao poder “enquanto eu viver”. Numa democracia, quem decide isso é o eleitor.